

DRAGIŠA PAVLIČIĆ¹

(Danilovgrad, atual Montenegro, 1915; S. Paulo, Brasil, 2015)



Dragiša Pavličić em sua residência no bairro do Bom Retiro. S. Paulo, 13 de julho de 2015.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Dragiša Pavličić a Sarita Mucinic Sarue, pesquisadora do Arqshoah. S. Paulo, 13 de julho de 2015. Vídeo e áudio: Raissa Alonso. Transcrição: Laura Lemmi Di Natale. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Iconografia: Rebeca Paixão Moura. Transcrição: Arqshoah/Leer-USP.

Desde a minha aldeia

Eu me chamo Dragiša Pavličić e nasci no dia 2 de março de 1915, em Danilovgrad², a 20 quilômetros de Podgorica, na ex-Iugoslávia e atual Montenegro, que se tornou um país independente da Sérvia em 2006. Meus amigos costumavam me chamar de Dragiša Petrov. Sou filho de Petar Pavličić, que era operário/jardineiro, e de Stana Javanovic Pavličić, dedicada às prendas domésticas. Éramos os mais pobres da aldeia. Meus pais não frequentavam a igreja, pois não tinham uma religião. Eu vivia como cristão, mas também não ia à igreja. Me desculpe por lhe dizer a verdade, mas oxalá se não existisse nenhuma religião no mundo.

Eu tive uma irmã chamada Miuna, mais velha que eu, falecida aos 94 ou 95 anos. Minha outra irmã chama-se Nagora, que também nasceu em Montenegro, e outra chamada Radmila, que ainda está viva. Ela é filha do segundo casamento de minha mãe, de quem eu gosto como minha própria irmã. Ela nasceu em 1939, portanto tem hoje 76 anos.



Danilovgrad, cidade natal de Dragiša Pavličić.
Google Maps.

² Danilovgrad é uma cidade no centro de Montenegro com uma população de 6.852 habitantes (censo de 2011). Está situada no município de Danilovgrad, que fica ao longo da rota principal entre as duas maiores cidades de Montenegro: Podgorica e Nikšić. Através das aldeias, Danilovgrad faz parte de uma aglomeração com Podgorica.

Desde criança eu vi só injustiças. Quando a Primeira Guerra Mundial começou, em 1914, eu ainda não havia nascido, pois sou do ano de 1915. Quando a guerra terminou, em 1918, eu ainda era criança. Meu pai era militar, foi servir o Exército e voltou para casa quando acabou a guerra.

Frequentei a escola desde o primário, depois fiz o ginásio, a academia comercial e estudei na Faculdade de Ciências Econômicas e Financeiras de Belgrado, mas não cheguei a concluir o curso por causa de guerra. Por uns tempos fiquei trabalhando na Caixa Econômica de Correios em Belgrado e depois trabalhei em Montenegro durante quatro anos na mesma empresa. Lá na minha aldeia todos me conheciam. Eu costumava pescar no Rio Zeta^A e, às vezes, a pesca era muito magra, mas quando conseguia pegar algum peixe, eu levava para uma senhora que vivia sozinha e dava para ela fazer a comida.

Danilovgrad, a minha aldeia, era bem pequena, com cerca de 50 ou 60 pessoas. Ali viviam apenas dois judeus: um se chamava Moritz [Majestro] e era agrônomo, e a outra se chamava Ana Levi, professora de idiomas, francês e sérvio. Ela era judia e sérvia de Sarajevo. Minha esposa foi visitá-la e fizeram amizade. Quando começou o levante contra os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, ela tanto ajudava os feridos montenegrinos como os italianos. Lembro-me de que um italiano perguntou a ela: “Por que a senhora está fazendo isso? A senhora se sente inimiga?”. Então ela respondeu: “Não, isso é um dever humano, porque ele não é culpado...”.

A- Uma das principais características da cidade é a riqueza dos cursos d'água. Fluem pela cidade os rios Morača e Ribnica, enquanto os rios Zeta, Cijevnam Sitnica e Mareza fluem nas proximidades. Com exceção de Morača, o maior rio da cidade, e Zeta, os outros rios têm uma aparência de riacho.

Um dia, quando eu estava numa cidade chamada Podgorica,^A disse para Ana vir até minha casa, pois gostaria de ajudá-la. Uma grande verdade: um sérvio, um montenegrino, nunca salva alguém por causa de dinheiro ou de interesse, pois isso não é uma virtude, é uma obrigação. A condição: Ana deveria se casar com um montenegrino, cristão, meu primo, a quem eu disse: “Pedro, por favor, podemos salvar uma vida. Vamos arrumar um padre para fazer o casamento, com testemunhas, tudo como mandam as regras.”

A- Podgorica ou Podgoriza é a capital de Montenegro, país do sudeste europeu, nos Balcãs. Segundo o censo de 2011, a população de Podgorica era de 156.169 habitantes. É o centro administrativo e político de Montenegro, bem como seu centro econômico, cultural e educacional. A cidade está situada a poucos quilômetros de centros de esqui (ao norte), de balneários no mar Adriático (ao sul), das ruínas de Dóclea (a noroeste), vila conhecida desde os tempos pré-romanos. Entre 1946 e 1992 – período em que Montenegro fez, como República Socialista do Montenegro, parte da República Socialista Federal da Iugoslávia (SFRY) – a cidade ficou conhecida como Titograd em homenagem a Josip Broz Tito.

Tempos de guerra em Belgrado

Em 27 de julho de 1939 casei-me com Irma Pavličić [Aglar de solteira], que era judia de Belgrado, onde nos conhecemos. Ela tinha 25 anos, um ano mais nova que eu, pois nasceu em 1916. Seus pais chamavam-se Luis Agular e Serena Abraham Agular. Irma era gerente de uma loja de sapatos chamada Peco. Seu pai vivia nos Estados Unidos, na América, após ter deixado a família. Irma tinha uma irmã, mas ela morreu em 1937 em Zagrebe (Zagreb). Quando eu a conheci, ela vivia com a mãe, e moravam perto de minha casa em Belgrado. Era uma moça muito bonita, cuidava de tudo. Mas ninguém sabia que ela era judia. Após o nosso casamento, ela passou a usar o nome de Irma Pavličić, sobrenome comum, cem por cento cristão. Fez uma “troca de identidade”. Minha sogra, que assinava Agular, passou a usar o sobrenome “Strugar”, pois o escrivão entendeu errado, e assim escreveu e assim ficou.

Em 1940, um secretário da congregação israelita de Zagabria (Croácia) cujo nome era Josep Abraham, avisou-

me que estava chegando um grupo de judeus da Hungria fugindo do nazismo. Nós os transportamos partindo do Danúbio para a Turquia, que, naquela época, era muito amiga dos judeus.

Quando chegou a hora dos nazistas atacarem a Iugoslávia, isso em março de 1941, eu imediatamente deixei Belgrado, onde estava trabalhando na Caixa Econômica de Correios, e fui para a minha terra, hoje Montenegro, onde fiquei pouco tempo. Foi quando encontrei um homem que disse assim: “Foge esta noite, pois sua vida está em perigo”.^A Veja bem: eu não era judeu. Como cristão, eu fui, anos depois, condecorado pelo governo iugoslavo e pela Igreja Católica. Veja ali a condecoração que recebi. E sabe por quê? Porque eu sou cristão.

Nesses anos da guerra, de 1939 até 1941, vivemos em Belgrado acompanhando de muito perto os avanços dos nazistas.^B Quando os alemães chegaram em Belgrado, fomos para Montenegro e ali ficamos na minha antiga aldeia.^C Minha mãe já não estava mais viva, apenas meu pai, com quem moramos uns dois ou três meses numa cidade chamada Podgorica, atual capital de Montenegro, onde ficamos até 1942.

A- Após o golpe de Estado iugoslavo em 27 de março de 1941, demonstrações de apoio ao golpe ocorreram em Podgorica. Como resultado, a Iugoslávia se voltou contra sua aliança anterior com as potências do Eixo e foi posteriormente invadida. Podgorica foi bombardeada mais de 80 vezes pela Luftwaffe em 6 de abril de 1941 e, em 5 de maio de 1944, foi bombardeada pela USAAF em um ataque contra as forças do Eixo. Naquele dia morreram aproximadamente 400 civis. A cidade foi libertada em 19 de dezembro de 1944. Segundo o Museu de Vítimas de Genocídio de Belgrado, um total de 1.691 pessoas foram mortas em Podgorica durante o curso da guerra.

B- Desde a anexação (*Anschluss*) da Áustria pela Alemanha em 13 de março de 1938, as fronteiras da Iugoslávia foram sendo alteradas, ficando quase que totalmente cercada por países pró-Alemanha. Em abril de 1939, ganhou uma segunda fronteira com o Reino da Itália, após os italianos invadirem a Albânia. Entre setembro e novembro de 1940, a Hungria juntou-se ao Pacto Tripartite, a Itália invadiu a Grécia e a Romênia também se juntou ao Pacto. Em fevereiro de 1940, a Bulgária juntou-se ao grupo de aliados da Alemanha e, no dia seguinte, as tropas alemãs entraram amigavelmente na Bulgária através da Romênia, criando um anel à volta da Iugoslávia que cedeu em 25 de março de 1941. Dois dias depois, ocorreu um golpe de Estado por um grupo de militares da força aérea iugoslava e da guarda real, liderados pelo brigadeiro-general Borivoj Mirković. O príncipe Paulo foi deposto e substituído pelo rei Pedro II, de 17 anos. Diante da alteração da situação política dos Balcãs, Hitler exigiu que a Iugoslávia declarasse lealdade à Alemanha ou então seria destruída por ser uma ameaça para a Alemanha. Em 6 de abril de 1941, nos primeiros dias da invasão da Iugoslávia pelas forças do Eixo, a cidade de Belgrado, capital do Reino da Iugoslávia, foi bombardeada.

C- Em 6 de abril de 1941, nos primeiros dias da invasão da Iugoslávia pelas forças do Eixo, a cidade de Belgrado, capital do Reino da Iugoslávia, foi bombardeada. Essa operação militar alemã, conhecida como *Strafgericht* e realizada pela Luftwaffe, destruiu em grande escala o centro da cidade e deixou muitas baixas humanas. Esse bombardeio foi precedido por uma invasão terrestre horas antes, um ataque em larga escala contra os aeródromos da Real Força Aérea Iugoslava e outros alvos estratégicos por todo o território. A invasão resultou na rendição das forças da Iugoslávia no dia 17 de abril.

Nossa vida na Itália

De Podgorica fugimos para Pesaro, na Itália,^A pois minha esposa e minha sogra Serena eram judias. Fomos capturados pelos italianos em 1941 e ali permanecemos até 1946. Não precisávamos nos esconder pois os italianos eram mais humanos que os nazistas.^B Fiquei trabalhando num escritório como contador, *ragionieri*, apesar de não ser formado em ciências econômicas. Por ali tinha muita gente interessante, como um artista italiano chamado Pirageri. Ele nos arranhou dois quartos por duzentas liras, sendo que eu ganhava setecentas e cinquenta. Quando chegou o fim do mês, ele me pagou novecentas. Lá estava também confinado (*confino libero*) o professor Geza Gedalla, também judeu e nascido na ex-Iugoslávia, com sua esposa Stella. Quando chegaram em Pesaro, não sabiam aonde ir. Eu os escondi e os mandei para o norte da Itália, mas avisei-o para nunca se apresentar como judeu. Isso foi em 1944.

Depois apareceu o doutor Alexandre Grimm, que trabalhava como corretor de câmbio na Bolsa de Valores de Belgrado, acompanhado de sua esposa Dusanka e o filho Paulo. O chefe de estrangeiros, cujo nome era Diogo de Matia, ajudou muitas pessoas, pois ele controlava aqueles que ali estavam como *confino libero*. Ele tinha uma filha chamada Rosetta. Às vezes, ele nos chamava para almoçar na casa dele, o que era recíproco. Ele foi de navio para os Estados Unidos, como hóspede de Roosevelt, que liberou pedidos de visto para mil judeus. Assim, ele se salvou.

Tinha também o médico Marcos Pordez que, um dia, apareceu lá em Pesaro dizendo que os alemães não iam

A- Pesaro é a capital da província italiana Pesaro e Urbino, localizada na região das Marcas, com cerca de 350 mil habitantes, dividida em 67 comunas. Ali existiu um antigo gueto cuja rua principal era a Via Mazzini, hoje repleta de cafés e lojas, que chega até a praça do bairro histórico, dominada pela catedral e pelo castelo cercado por fossos. Duas ruazinhas estreitas de paralelepípedos, ao lado da Via Mazzini, formam o centro mais reconhecível do gueto. Seguindo por uma delas, a Via Vignatagliata, há prédios que já abrigaram a padaria Matzo (nº 49) e a escola judaica (nº 79), que acolheu centenas de judeus impedidos de frequentar as escolas públicas por causa das leis raciais de 1938. A Piazzetta Isacco Lampronti foi uma pracinha erguida em homenagem a um rabino, estudioso e físico famoso do século XVIII. O cemitério judeu, fora do gueto, ocupa uma grande área com gramados e não possui lápides, todas retiradas durante a Inquisição, no século XVIII.

B- Durante a Segunda Guerra Mundial, Pesaro estava dentro da Linha Gótica (*Gotenstellung* em alemão), uma das últimas defesas nazifascistas no norte da Itália. Construída, teoricamente, com uma extensão de 280 quilômetros, a Linha Gótica estendia-se desde a região costeira do Mar Tirreno, indo do oeste italiano, nas regiões de Carrara e La Spezia, passando pelos Apeninos, e terminando a leste, nas áreas de Pesaro e Rimini. Utilizando mais de 15 mil trabalhadores escravos, os alemães e fascistas italianos criaram mais de dois mil pontos de fortificação: ninhos de metralhadoras, bunkers, postos de observação e artilharia para repelir ou retardar os avanços aliados na Campanha da Itália.

fazer nada com ele porque era um médico, et cetera, et cetera. Eu lhe disse: “Doutor, por favor, sua vida está em perigo, foge”. Perguntei para Rosetta se ela poderia ajudá-lo. E assim fez: mandou-o para um convento em Urbino, onde ficou escondido. Assim, ele foi salvo. Aconteceu que caiu um avião alemão ali perto e não havia médico. Ele se apresentou: “Eu posso ajudá-lo? E a resposta foi: “Se o senhor nos ajudar, nós te salvamos”. Bem, ele curou o homem. Depois ele se casou com Lucia, que era católica, e foram morar em Predappio.

Ficamos em Pesaro até 1943 e, em seguida, fomos para Roma, declarada “cidade aberta”, onde eu tinha possibilidade de encontrar emprego. Minha esposa e minha sogra estavam comigo. Ali permanecemos até novembro de 1944. Então, fui até o controle administrativo do Mediterrâneo, onde consegui ser nomeado pelo consulado iugoslavo para trabalhar como chefe do Comitê de Socorro às Vítimas da Guerra. Eu cuidava das listas para as vítimas da guerra. Um dia aconteceu um caso interessante: o professor Geza Gedalla que eu já mencionei, veio até a embaixada, que fornecia *tésseras* (cartelas) para comprar pão.

– Dragiša, eu não tenho direito, como qualquer outro iugoslavo, de receber umas duzentas gramas de pão por mês?

– Não tenho a menor dúvida!

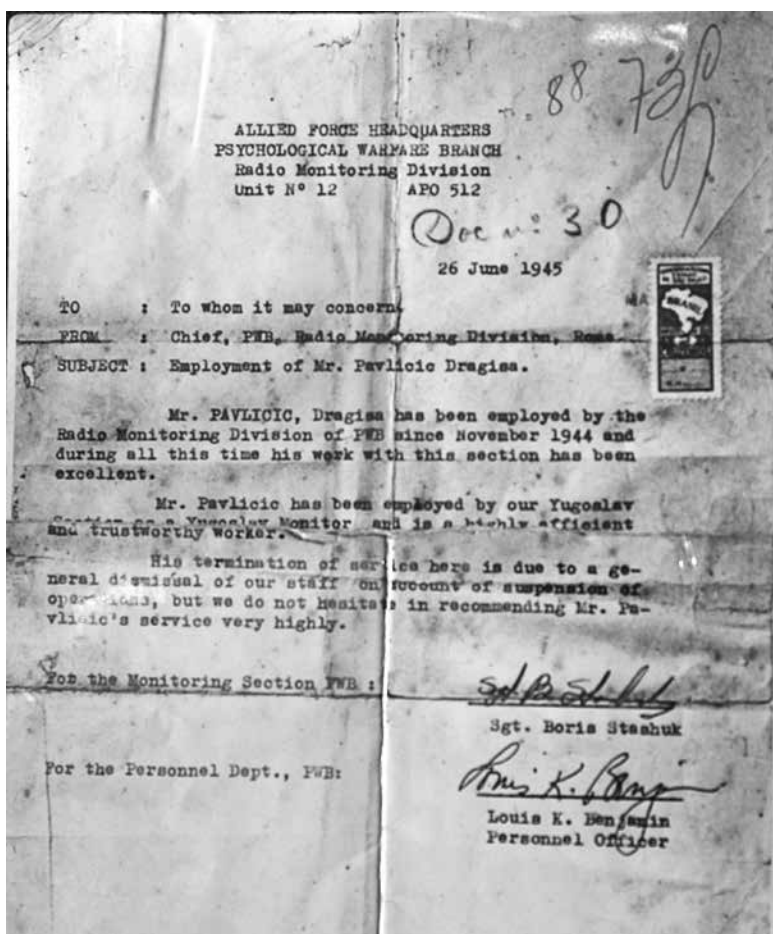
Depois apareceu Jaime Cohen, judeu de Skopje, na Macedônia, e sua esposa Olga, com quem fizemos amizade, e também um rapaz cujo sobrenome era Wolf (isso é “lobo”). Fui falar com o cônsul montenegrino e expliquei que ele era polonês e que, como judeu, não tinha absolutamente meios para sobreviver. Isso não foi merecimento meu, eu agradeço ao cônsul ter aceito meu pedido. Em novembro de 1944, quando ainda estávamos em guerra, os Aliados precisavam de um homem da Iugoslávia, sem partido, absolutamente livre de qualquer preconceito. Apareceram sessenta candidatos, incluindo eu, a maioria judeus. Eu tinha a impressão que o lugar seria ocupado por um destes judeus que falavam muito bem inglês (e eu não), que tinham um culto religioso e que haviam sido educados desde o berço. Podiam falar inglês, mas não conheciam geografia, nem onde se encontravam as forças inimigas, pois a Iugoslávia não era o país deles. Nisso, aproximou-se um homem, alto, um major americano, que me fez várias perguntas:

– De onde o senhor é, de Montenegro? De que parte?

– De Danilovgrad. Major, por gentileza, onde o senhor aprendeu a falar tão bem assim o sérvio?

– O meu pai gostava muito dos montenegrinos.

Assim, consegui aquele lugar. Permaneci em Roma até junho de 1945 neste meu novo trabalho, que era confidencial: o programa Running a Psychological War, conhecido como “Guerra Psicológica”.^A Eu tinha ordens para receber e transmitir mensagens por teletipo, no idioma sérvio, para a Iugoslávia livre.^B Eu recebia o texto pronto e transmitia imediatamente no meu idioma. Um cargo de confiança



Declaração fornecida pelas Forças Aliadas atestando que Dragiša Pavličić atuou na Allied Force. Supreme Headquarters. Psychological Warfare Branch, PWB. Radio Monitoring Division, 26 de junho de 1945. Acervo: Pavličić/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A- Guerra Psicológica (PSYWAR) ou Operações Psicológicas Modernas (PSYOP) são termos usados para designar qualquer ação praticada principalmente por métodos psicológicos, com o objetivo de evocar uma reação psicológica planejada em outras pessoas. Procura-se com isso influenciar o sistema de valores, crenças ou o comportamento de um público-alvo, induzir confissões ou reforçar atitudes e comportamentos favoráveis aos objetivos do produtor e, às vezes, é combinada com operações falsas ou táticas de bandeira falsa. Também é usada para destruir o moral das tropas inimigas através de táticas que visam deprimir o seu estado psicológico. Durante a Segunda Guerra Mundial, os Aliados imprimiram panfletos falsos e produziram notícias falsas, que eram transmitidas por rádio, com o objetivo de aterrorizar os soldados alemães.

B- No início da Segunda Guerra Mundial, os britânicos criaram o Psychological Warfare Branch, -PWB para produzir notícias falsas e distribuir propaganda. Através do uso de poderosos aparelhos, as transmissões poderiam ser feitas em toda a Europa, gerando intensas campanhas de propaganda “negra”, veiculadas por estações de rádio projetadas para serem populares entre as tropas alemãs e, ao mesmo tempo, introduzir notícias revestidas de autenticidade para enfraquecer o moral dos soldados nazistas. A PWB operava em países libertados, mantendo uma subsidiária chamada Allied Information Service, criada para dar um nome mais diplomático às operações entre populações amigas. O PWB foi um modelo para a Divisão de Guerra Psicológica (PWB ou PWD/SHAEF), criada em 1943 por Eisenhower na Força Expedicionária Aliada da Sede Suprema (SHAEF) em Londres durante os preparativos para a invasão entre os canais da Europa continental em junho de 1944. PWB teve um papel importante na produção e disseminação da propaganda “branca” na Europa até o final da guerra. A PWB incorporou as atividades da PWB (com unidades da PWB conectadas a cada um dos exércitos) reportando-se aos generais americanos.

extraordinário. Recebi um atestado pelos serviços prestados e uma carta de referência.

Após a guerra

Depois de junho de 1945, fomos para Milão, onde permanecemos uns oito meses.^A Ali eu conheci o historiador Cecil Roth,^B na Rua Unión nº 5, um ponto de encontro onde se reunia um grupo de judeus recém-chegados, geralmente jovens vindos de toda a Europa. Nesse local conheci também um advogado italiano chamado Diato Levi Otávio e, com ele, vinha sempre Cecil Roth, ainda um rapaz, que aconselhava os judeus a irem para a Palestina (depois Israel) e não ficarem na Europa. A mãe de Diato era médica e o pai jornalista, judeu alemão. Ele disse que os pais foram para Suíça. Lembro-me de que dei uma maçã para ele e perguntei em alemão.

– *Wie geht es ihnen?* (Como vai?)

– *Danke schön! Besser als Auschwitz!* (Muito obrigado!

Melhor do que em Auschwitz!)

A- A partir de maio de 1945, cerca de 10 milhões de refugiados dentro das fronteiras da Alemanha, Áustria e Itália confiaram às Forças Aliadas as necessidades imediatas e o reassentamento das “Pessoas Deslocadas” (DPs). Foram criados vários campos, que receberam aproximadamente 53 mil judeus, principalmente sobreviventes de campos de concentração, grupo que cresceu à medida que os refugiados escapavam das novas ondas de antisemitismo na Polônia. Entre 1945 e 1950, cerca de 40 mil judeus deslocados passaram pela península italiana, que acabou se transformando em um grande centro de trânsito de refugiados (legais e ilegais) para a Palestina.

B- Cecil Roth (Londres, 1899 – Jerusalém, 1970) era o caçula dos quatro filhos de Joseph e Etty Roth. Seu pai saiu da Polônia e foi para o Reino Unido como um homem de negócios bem-sucedido e comprometido com os textos judaicos; sua mãe era inglesa de Sheffield, cujo nome de solteira era Jacobs. Cecil, também judeu, tornou-se historiador e editor-chefe da primeira edição da *Encyclopaedia Judaica*. Serviu na infantaria britânica, sendo depois educado na City of London School e no Merton College, em Oxford. Formou-se em 1920, e cinco anos depois obteve seu doutorado, publicando seu primeiro grande trabalho em 1925: *A Última República Florentina*. Em 1928 casou-se com Irene Rosalind Davis. Entre 1939 a 1964 atuou como leitor de Estudos Judaicos em Oxford. Atuou como presidente da Sociedade Histórica Judaica da Inglaterra, fundada em 1893. Renunciou como membro de várias sociedades eruditas italianas como um protesto contra a legislação antijudaica de Mussolini. Quando se aposentou de seu cargo em Oxford, em 1964, estabeleceu-se em Jerusalém, assumindo o cargo de professor visitante na Universidade Bar-Ilan.

Ele veio de Auschwitz. Era bonito; ainda tenho a fotografia dele numa caixinha de retratos meus. Seus pais pereceram na guerra. Gostei dele porque era jovem, tinha apenas 14 anos. Assim, permanecemos em Milão até junho de 1946. De lá fomos para um campo de Pessoas Deslocadas (DPs),^A em Sta. Maria al Bagno (Nardo, província de Lecce),^B onde fui aceito e tratado como judeu. Foi quando conheci “Ziga” [Zigmund] Herzog, pai do jornalista Vladimir Herzog^C que, naquela data, tinha apenas 9 anos. Lá estava Edo Finzi, engenheiro cuja família também veio para o Brasil.

Refugiados judeus no Campo de Santa Maria del Bagno- Itália



Oficina educacional de costura da ORT em Santa Maria al Bagno
Coleção Paolo Pisacane. Disponível em: <https://www.haaretz.com/world-news/europe/.premium.MAGAZINE-the-jewish-refugees-who-lived-la-dolce-vita-1.5470432>. Acesso em: 07 out. 2019.

A- O principal centro de reassentamento para refugiados estava localizado na Via Unione, em Milão, criado por Raffaele Cantoni, presidente da União das Comunidades Judaicas Italianas. Na Via Unione, os refugiados eram redirecionados para os vários campos de DPs na Itália (Casere, Merano, Pontebba, Chiari, Cremona, Milão, Grugliasco, Rivoli, Gênova, Bolonha, Modena, Reggio Emilia, Fremo, Jesi, Senigallia, Cinecitta, Bagnoli, Bari, Barletta, Palese, Sta. Vesarea, Sta. Maria al Bagno, Sta. Maria di Leuca, Tricase e Trani).

B- Dragiša Pavličić ficou, possivelmente, instalado no campo Sta. Maria al Bagno, uma vila italiana de Apúlia, uma fração da comuna de Nardo, localizada no Mar Jônico, onde também esteve Sigmund Herzog e família. As residências no local foram confiscadas pelos governos dos Estados Unidos e Reino Unido entre 1944 e 1947, a fim de fornecer um local para abrigar temporariamente os DPs.

C- Vladimir Herzog (1937-1945) nasceu na cidade de Osijek em 26 de julho de 1937, na então Iugoslávia (atual Croácia). Era filho do casal de origem judaica Zigmund Herzog e Zora Wolner. Zigmund (“Ziga”) nasceu em 6 de junho de 1896 em Farkaždin (Sérvia), filho de Moritz Herzog e Gizella Herzog, e faleceu em S. Paulo em 1975, aos 75 anos; Zora Herzog nasceu em 11 de junho de 1910 na cidade de Našice (Croácia), filha de Zigmund (“Ziga”) Wolner e Sirena Wolner, e faleceu em S. Paulo em 2009. Durante a Segunda Guerra Mundial, para escapar do antissemitismo praticado pelo estado fantoche da Croácia, então controlada pela Alemanha nazista que ocupava a Iugoslávia desde 1941, o casal fugiu para a Itália, onde, em julho de 1943, ficou internado no campo de Fonzaso. Após a liberação, em 1945, Zigmund e Zora foram para o campo de refugiados Sta. Maria al Bagno. Foi neste momento que Dragiša Pavličić conheceu Zigmund Herzog. Anos depois, Vladimir Herzog, o “Vlado”, tornou-se referência no movimento pela restauração da democracia brasileira pós-1964. Militante do Partido Comunista Brasileiro, Vladimir foi preso, torturado e assassinado pelo regime militar brasileiro nas instalações do DOI-CODI em S. Paulo.



Órfãos judeus se despedem de Santa Maria al Bagno antes de partirem para a Palestina, c. 1946. Coleção Paolo Pisacane. Disponível em: <https://www.haaretz.com/world-news/europe/premium.MAGAZINE-the-jewish-refugees-who-lived-la-dolce-vita-1.5470432>. Acesso em: 07 out. 2019.



Um grupo de voluntários judeus e moradores locais vistos em Villa Filograna em Santa Maria al Bagno, que foi usado como cantina e centro de recreação, c. 1946. Coleção Paolo Pisacane. Disponível em: <https://www.haaretz.com/world-news/europe/premium.MAGAZINE-the-jewish-refugees-who-lived-la-dolce-vita-1.5470432>. Acesso em: 07 out. 2019.

Uma coisa interessante: conheci também Boris Papo,^A que foi meu aluno na escola em Sta. Croce, onde eu ensinava matemática, gratuitamente. Ele era ator, fez teatro e o pai tinha um bar, onde reencontrei Geza Gedalla e Edu Quinze,

A- Boris Papo era filho de Chaim Papo e Eva Papo, ambos enterrados no cemitério do Embu. Boris Papo faleceu em 31 de julho de 2016.

professor de inglês, também meu amigo, mas que infelizmente já morreu, coitado. Tanto Boris Papo como “Ziga” Herzog e suas famílias vieram para o Brasil. Nunca mais vi Vladimir Herzog, mas reencontrei-me várias vezes com seu pai aqui no Brasil, homem muito, muito honesto. Ele trabalhou como contador na Metal Leve, cujo proprietário era José Mindlin.

O Brasil como opção

Em 1946, resolvi deixar o campo de Sta. Maria al Bagno, pois precisava encontrar alguma coisa para sustentar minha vida. Morava provisoriamente com minha sogra e minha esposa na Via Poggiolino n° 18. Foi quando li um aviso dizendo que os judeus daquele campo poderiam ir para o Brasil. Eu nunca havia ouvido falar do Brasil, mas qualquer país no mundo era bom, desde que nos aceitasse. Conseguimos os nossos vistos em caráter permanente, de acordo com a lei, através do consulado-geral do Brasil em Livorno usando passaportes emitidos pela Cruz Vermelha Internacional em Roma, em 26 de setembro de 1946. Em nossos documentos a nacionalidade constava como “apátrida”, sem endereço de origem. Para facilitar a liberação dos vistos, Irma disse ser costureira e eu comerciante.



Página do passaporte de Dragiša Pavličić expedido pela Cruz Vermelha – Comitê Internacional Deleg. Roma, 26 de setembro de 1946. Acervo: Pavličić/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Dragiša Pavličić



Página do passaporte de Dragiša Pavličić com visto emitido por Zórayma de Almeida Rodrigues, cônsul-geral do Brasil em Livorno (Itália), 16 de outubro de 1946. Acervo: Pavličić/SP; Arqshoah/Leer-USP.

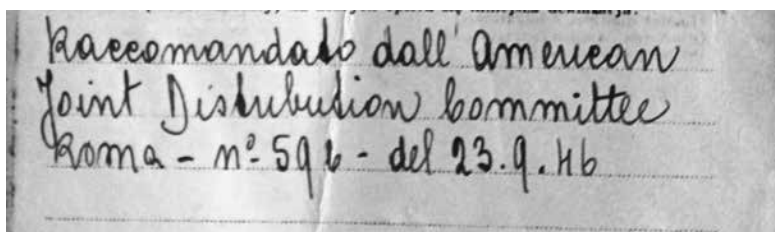


Ficha consular de qualificação de Dragiša Pavličić, “apátrida”, com visto emitido pelo consulado-geral do Brasil. Livorno, 16 de outubro de 1946. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.



Ficha consular de qualificação de Irma Agular Pavličić, “apátrida”, com visto emitido pelo consulado-geral do Brasil. Livorno, 16 de outubro de 1946. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Viajamos para o Brasil no navio San Giorgio, onde fui muito bem tratado. Em 20 de fevereiro desembarcamos no porto do Rio de Janeiro. Aqui no Brasil fomos acolhidos pela WIZO, uma organização judaica, recomendados pelo American Joint Distribution Committee (JOINT)* – Roma, que tinha informações a meu respeito. Vejam no meu passaporte, assim foi anotado em 1946.^A



Em 1947 fui trabalhar na Indústria Gráfica Brasileira S/A, na Rua Vitor Hugo nº 141, com carteira assinada, como chefe de pessoal. Ali ganhei um codinome: Carlos da Costa Montenegrina, pois meus colegas não conseguiam pronunciar o meu nome. Como Dragiša significa Carlos, ficou mais fácil. Em junho de 1947 mudamos de endereço, da Alameda Cleveland nº 610 para a Rua F.F.[?] nº 22, em Santana. Lá tinha um italiano, auditor daquela companhia. Ele sempre dizia: “Giovanni, por que o montenegrino está assim triste?”. Fiquei ali até 1949, quando me candidatei para trabalhar nas Indústrias Matarazzo, pois precisava de dinheiro e, como sempre digo, um bom funcionário nunca fica muito tempo no mesmo lugar. Como um pássaro, que sempre procura um lugar melhor.

Em 21 de março de 1951 nasceu nossa filha Gizela. Morávamos na Rua Prates, antes Júlio Conceição, nº 425. Trabalhei nas Indústrias Matarazzo de 1949 a 1954 e, em

^A- American Joint Distribution Committee (JOINT) é uma organização de assistência judaica criada em 1914 em Nova York para ajudar os judeus que viviam na Palestina sob o domínio turco. Estendeu-se para as populações judaicas na Europa Central e Oriental, bem como no Oriente Médio, através de uma rede de programas de assistência ao desenvolvimento para comunidades judias e não judias. Uma de suas frentes é o resgate de judeus em risco como a resposta a crises. Daí sua importância após a ocupação da Polónia em 1º de setembro de 1939 pela Alemanha nazista e durante o Holocausto, momentos em que aumentou drasticamente a necessidade de ajuda para a emigração judaica. Desde o início da Segunda Guerra Mundial até 1944, tornou possível para mais de 81 mil judeus emigrar da Europa ocupada pelos nazistas. No final de 1945, cerca de 75 mil sobreviventes judeus do genocídio nazista haviam se aglomerado em acampamentos de pessoas deslocadas às pressas em toda a Alemanha, Itália, Polónia e Áustria. Em 1946, cerca de 120 mil judeus na Hungria, 65 mil na Polónia e mais da metade dos 380 mil judeus da Romênia dependiam do Joint para alimentação e outras necessidades básicas. Em 1947, o Joint estava apoiando 380 instalações médicas em todo o continente e cerca de 137 mil crianças judias estavam recebendo algum tipo de ajuda. Vítima das tensões da Guerra Fria, o Joint foi expulso da Romênia, Polónia e Bulgária em 1949, da Tchecoslováquia em 1950, e da Hungria em 1953.



Dragiša Pavličić trabalhando como tradutor público e intérprete comercial, aos 101 anos. Entrevista concedida pela *Shalom Brasil* a Priscila Cellina. S. Paulo, 22 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mRJNU_3pqQA>. Acesso em: 26 set. 2019.



"A desintegração da Iugoslávia", um dos artigos publicados por Dragiša Pavličić. *O Estado de S. Paulo*, 23 de dezembro de 1993, p. 2. Acervo: Pavličić /SP; Arqshoah/Leer-USP.

seguida, fui para a Elgin, fundada por David Feder, onde fiquei até 1958. Em 1965 passei a trabalhar na indústria Pirelli como assistente gerente do financeiro e coordenador administrativo, onde me aposentei após vinte anos, em abril de 1980. Vivo como tradutor público de um tribunal e intérprete comercial (croata – português e sérvio – português). Minha sogra morreu em 1968 ou 1969; Irma faleceu em 1985. Hoje sou avô de Sérgio, capitão da Polícia Militar, e bisavô de Maurício, estudante. Vivo sozinho neste apartamento no Bom Retiro.

Hoje, quando penso naquela época da Segunda Guerra Mundial e os crimes praticados pelos alemães nazistas, acho que devemos ter um mundo fraternal. Mas sempre digo que nem todos os alemães foram nazistas, mas todos nazistas foram alemães. Daí a minha mensagem para os pesquisadores e os jovens que um dia irão ouvir este meu testemunho. Devemos alcançar uma unidade fraternal porque não existe diferença, nem de raça, nem cor, nem de religião. Nenhum homem é responsável pela sua origem ou pela sua religião.

Um homem que vive no Brasil e que, um dia, retorna para visitar o lugar de nascimento, não vê a hora de voltar. Esta terra chama! Dedico muito amor por essa terra porque também recebi amor deste povo, o único no mundo que recebe com sorriso, entende? Nesse país eu nunca me senti sozinho e nem estrangeiro, porque é um país educado. O brasileiro é educado e gentil, sempre com um sorriso largo e com boas palavras. Existem dificuldades em todos os países, mas podemos melhorar um pouco, aplicar melhor as leis, entende? É lamentável! Mas, em todos os casos, ainda considero o Brasil o melhor país do planeta e, repito mais uma vez, o povo sérvio é o maior amigo dos judeus. Com isso eu concluo a minha mensagem.

Dragiša Pavličić

Notas de falecimento de Dragiša Pavličić

“um tesouro da história”



Nota de falecimento em Montenegro: “Longe da cidade natal de Gorizia e do país de Montenegro, em S. Paulo – Brasil, onde viveu por décadas, aos 101 anos de idade, nosso amado irmão, tio e cunhado, Dragiša, abandonou sua alma altamente nobre”. Disponível em: <<http://umrlj.me/dragisa-petra-micova-pavlicic>>. Acesso em: 25 set. 2019.

Em 29 de dezembro de 2015, Dragiša Pavličić – “nosso homem no Brasil”, como diziam seus amigos iugoslavos – faleceu em S. Paulo aos 101 anos. Um testemunho sobre todos nós.

A história de nossa região também foi marcada pela migração. Havia muitos, e eles não pararam. Algumas [histórias] estão gravadas e documentadas, a maioria não. Embora admiremos a história, e também a diáspora, as histórias de nosso povo, de nossos destinos e endereços, são frequentemente, irreversivelmente, dissipadas na eternidade, de onde jamais voltam, e sequer foram armazenadas.

A partida física do “posto avançado” significou principalmente uma partida permanente da narrativa ... Ficamos sem ele... Se alguma vez existiu – a ambição de registrar, reunir, armazenar, explorar, dispersar – já se foi há muito tempo. Na maioria das vezes, não há consciência de que a experiência tenha algum valor, que mereça ser preservada do esquecimento, explorada, sistematizada, articulada...

Todo ser humano é uma história e uma história por si só. Algumas pessoas, por sua vez, são tesouros de histórias. Dragiša Pavličić, paulista, natural de Danilovgrad – que morreu nos últimos dias de dezembro de 2015, aos 101 anos, na megalópole brasileira em que viveu desde a metade do século que sobreviveu – era um desses tesouros.

Tio Dragiša (Čik Dragiša), como era chamado por nós no Brasil, foi o “pergaminho” de nossa língua, cultura e sensibilidade no oceano brasileiro – professor, tradutor, intérprete para servo-croata em um país de escala continental da América do Sul; às vezes o único, às vezes um dos muito raros. Por suas “mãos” passaram os papéis daqueles que vieram para o Brasil e aqui ficaram. Ele também ajudou muitos deles pessoalmente. Ainda hoje, e especialmente antes, no Brasil não era tão fácil encontrar pessoas como ele. Havia histórias e histórias. Ir para o Brasil “como permanente” raramente era deixado de lado por mero desejo. Mais frequentemente, era por necessidade – por causa da fome, pobreza, guerras, perseguição política [...] Nós, todos juntos, e principalmente individualmente, éramos pelos padrões brasileiros [...]. Em uma população que mede dezenas e centenas de milhões, vários milhares de pessoas espalhadas por uma vasta área são minúsculas como poeira. Talvez seja por isso que as histórias deles sejam míticas – ninguém mais seguiu seu caminho; eles mesmos as construíram.

Os primeiros iugoslavos a chegar ao Brasil de maneira organizada foram os dálmatas – os blacans e os velucanos da ilha de Korcula – em 1925. Korcula era uma das ilhas mais pobres, e alguns de seus habitantes vieram para o Brasil mais tarde, em várias ocasiões. Inicialmente, eles trabalharam em plantações, e gradualmente se mudaram para as cidades em crescimento. O primeiro grande grupo de sérvios organizado veio ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente no início dos anos cinquenta. Havia dezenas de famílias, a maioria de orientação monarquista anticomunista.

“Alguns se reuniram e se conheceram nos países vizinhos, outros se encontraram aqui, mas todos tinham algo em comum: adotaram o Brasil como seu novo lar”, como se lê no “bilhete de identidade” do Clube Sérvio, colecionado há anos. Estavam todos assentados principalmente em S. Paulo, que no momento de sua chegada crescia em progressão literalmente geométrica.

Estas são as imagens que guardamos de Dragiša Pavličić. Ele próprio deixou a Iugoslávia “por razões políticas”, passou um curto período na Itália trabalhando para as Forças Armadas dos EUA e, quando recebeu sua primeira oferta para vir ao Brasil, não hesitou muito. Ele alegou que não se arrependeu. Atendeu a um convite de um economista, e a um chamado de

uma intérprete – intérprete da corte e professora de servo-croata –, que o escolheu. Graças a esse convite, ele manteve contato com a “pátria” até o último momento.

Apesar de ter voltado à Iugoslávia apenas duas vezes desde a década de 1950, sempre foi uma “testemunha de longe”, única, com uma visão incomparável de onde as coisas vinham e para onde as coisas iam, irreversivelmente. Ele tinha um contato muito próximo com a realidade e com os destinos das pessoas, pois sua experiência em primeira mão não lhe permitia ser ideologicamente exclusivo.

Há um ano e meio, alguns repórteres esportivos da Sérvia, que acompanharam a Copa do Mundo de futebol, chegaram até Čik Dragiša. Um deles disse o seguinte: “Pelo que sei restam apenas três. Sozinhos como três colmeias. Todo mundo morreu. Às vezes, nós três nos encontrávamos em um café chamado ‘At the Greek’. Agora, nós dois temos 85 e 79 anos. Mas é por isso que existem sérvios nas prisões brasileiras. Principalmente por causa do negócio de drogas. Costumava ser melhor. Havia mais de nós, fazendo trabalhos bem-sucedidos e se reunindo na igreja”.

O Clube Sérvio se foi há anos – a geração que o fundou saiu do palco da vida, e seus filhos e netos perderam o contato com a terra de seus ancestrais eslavos do sul e ficaram imersos na cultura brasileira e portuguesa. Quase não existem vestígios materiais, não apenas de sua existência, mas da existência de uma comunidade pequena, mas única; alguma coisa, para melhor, acabou com amigos e descendentes, mas grande parte dela foi irremediavelmente perdida.

O tio Dragiša passou anos e décadas de seus cem anos de vida cercado por livros, dicionários, documentos, papéis de todos os tipos; o apartamento dele era como um rico arquivo. Seria bom, e também muito útil, tentar levar pelo menos uma fração da riqueza desse tesouro para os Arquivos ou para a Biblioteca Nacional. Por causa de Dragiša e por nossa causa. Há algo a ser aprendido, e aprendido com esses documentos – em primeiro lugar, sobre nós mesmos – tanto como indivíduos quanto como uma comunidade (nunca alcançada).

Mesmo quando corremos para o outro extremo do planeta, não podemos escapar por conta própria. Talvez por isso evitamos lidar com quem realmente somos.

Texto de Predrag Dragosavac, publicado no
Diário de Hoje, em 1º de fevereiro de 2016.³

3 Tradução livre por Blima Lorber. Mensagens disponíveis em: <<https://www.danas.rs/drustvo/svedok-o-nama-sa-drugog-kraja-planete/>>. Acesso em: 26 set. 2019.